

Chegados  
Aos cabelos de barbárie  
Entre as duas casas iluminadas

Chegada ao princípio  
Do nariz índio  
Da boca da Escócia

Desliga a luz da casa com as duas  
Grandes mãos  
Generosas  
sem sombras no meio do dia

### **Irene**

Do vão escuro debaixo da escada  
saiu Irene sobressaltada  
Julgou ouvir a patroa irada  
talvez por conta da toalha mal passada  
Ou o patrão mal disposto  
porque não era suposto chover em agosto

Irene era escrava para todo o serviço  
fazia bruxedos e curava enguiço  
maleitas caseiras, nariz entupido  
Não havia ofício que lhe estivesse escondido

Servia naquela casa desde criança  
porque há já muito lhe tinha abandonado a esperança  
de sonhar com outra vida qualquer  
disto se lembrava desde que era mulher.

Porque uma pessoa anda assim de mão em mão  
obedece à família e à escola e finalmente ao patrão  
Faz o que lhe mandam, passa despercebida  
E assim lhe vão tratando da vida  
Até que lhe tentaram arranjar um marido  
Se assim não fosse não fazia sentido.

Irene sabia que a vida não era sua  
mas do patrão, do chefe, do dono da rua.  
Vivia de forma apaixonada  
por saber que não tinha nada  
e só se reconhecia quando estava nua  
Naquele dia de outono resolveu mudar tudo  
a sua vida parecia brincadeira de entrudo  
Sabia que o almoço era servido em tom mudo  
e apressou-se a cumprir o servil protocolo  
com os olhos na porta e a esperança no colo

Queria sair e ver o mundo sabia lá,  
qualquer coisa era melhor do que continuar lá  
engordar pais depois os filhos, os filhos destes e por aí fora  
queria pôr fim àquele sofrimento e acreditava ter chegado a hora

Pensava já ela num dia de sol na praia  
quando o patrão a chamou e lhe mandou subir a saia.  
Era a última vez, prometia ele desapertando o cinto  
debruçando-a na mesa muito sucinto.  
Irene sabia que isso ia acabar, por ela até já estava a tardar  
Por isso tirou de dentro da meia a faca da carne cheia de geleia

Meteu-lha no peito muito delicadamente como quem abre um peru  
para uma mesa de gente  
Abriu-o com jeito de cima pra baixo que é o que merece qualquer capacho.

Um passo em frente, dois atrás  
Tic, Tac  
Mão p'ra cima, mão p'ra baixo  
Tic, Tac  
Pernas juntas, coladas  
Tic, Tac  
Corpos sedentos, bocas vazias  
Tic, Tac  
Voracidade, tenacidade  
Tic, Tac  
Audácia impávida  
Tic, Tac  
Chegámos?  
Tic, Tac  
Não!  
Tic, Tac  
Pega no resto  
Tic, Tac  
Crash, o relógio partiu...  
Chegámos!

fecha os olhos abre os olhos  
são sete da manhã ainda é de noite  
fecha os olhos abre os olhos  
não é o despertador é o comboio a passar  
fecha os olhos abre os olhos  
ainda é de dia são oito da noite  
fecha os olhos abre os olhos  
é de mercadorias não há lugar pá gente  
fecha os olhos abre os olhos  
Maria, quando o sol nasce até ele mente  
fecha os olhos abre os olhos  
desliga, deixa só mais uma semana dormente

## **Eu sou!**

Não!  
Ainda não estou morto!  
Deixei de estar putrefacto  
Rançoso, lá isso deixei...

Para todos os que nunca acreditaram  
Para aqueles que me enterraram vivo  
Que me sacudiram da memória  
Como uma coisa gasta  
Inóspita e sem vida  
Para aqueles que, ainda hoje,  
Me tratam como lixo  
Ou me olham na sua condescendência,  
Como se a misericórdia  
Fosse, como pão para a boca,  
o meu alimento.

Não!  
Ainda não estou morto!  
E, se calhar, mesmo não querendo  
Ainda vão ouvir falar de mim  
Como quem ainda tem cartas  
Para dar  
Como quem fez bluff  
No jogo da vida  
E ainda guarda um último trunfo.

Sou ainda raiz nesta terra  
Que jura vingança  
E se, nunca em campo alheio  
fui semeado,  
Em campo alheio hei-de eu crescer!

A vida chama-me,  
Chama-me intensamente,  
Como se de mim quisesse subtrair

Tudo o que dela tirei  
"Foram cardos foram rosas"  
Foram aquelas que não dei  
E beijos que suspirei.  
Foram montes que subi  
À força de punho e suor  
E de onde nunca, por nunca,  
Ninguém me vai tirar!

E cá de cima, tudo é diferente:  
A vontade de ir  
Não foge e cá se vai  
Andando, com a cabeça entre as orelhas,  
Em dias cinzentos  
Chuvosos ou ressacados  
É mais um copo de vinho  
Que não se bebe  
Mais um dia ao qual se resiste  
E só apetece dormir...

Só que agora é tarde demais  
O que está feito, está feito  
E fugir é tudo o que não podemos  
Nem devemos  
Presos no alto  
Com o cansaço que nos seguiu  
E quase nos ultrapassou  
Sob a forma de um desvario  
De um sopro,  
O sopro do coração,  
E depois, só brisa  
Que nos assobia ao ouvido  
A dizer o que não queremos  
A mostrar o que não valemos  
A tentar levar-nos no seu mau agoiro  
No seu fogo antigo de maus presságios

Só se pode encontrar  
Aquilo que se procura,  
Então eu sou feliz  
Encontrei-me  
E aqui estou, sentado  
Junto ao abismo e a rir-me  
A rir-me dele e a pensar:  
Os teus mistérios bem os conheço  
Pelos teus perigos passei  
Com o teu fogo brinquei  
Nos teus segredos me vi submerso  
E deles emergi, qual iceberg  
Gelado e quase finado

Confinado ao que ainda tenho  
E me basta ter  
Ao quanto posso dar  
Mesmo a quem nada me deu,  
E o pouco que tinha me tirou,  
Quando as lágrimas me lavaram  
E os pulsos procuraram se abrir  
E esvaziar em dor  
Ao que sempre recebi  
E em troca nada paguei.

É linda a vida, não é?  
Quando nada se vê  
E o olhar mente  
Querendo esquecer  
Tudo o que já viu  
Antes, e o que verá depois  
Depois desta prosa louca  
Destas palavras que valem tão pouco  
Deste destino fatal  
Desta vivência anormal  
Desta carta aberta que escrevo

Das noites que passei  
Procurando o termo certo  
Para esta vida incerta  
Em que embarquei  
E quase naufraguei  
Sem bóia nem bote  
Sem farol nem costa à vista  
Em ondas que me arrastaram  
Contra a maré de azar  
Que por mim passou...

Sinto-me agora livre  
Capaz de voltar a esticar as asas  
E trespassar o ar  
Com algumas nuvens, é certo,  
Que tempo limpo,  
Tarde ou nunca virá,  
Virá, sim, assim o sonhe  
Assim o espere  
Com paciência e sapiência  
Sem tendência ou intolerância  
Assim o deseje e realize  
Como a estas linhas  
Antes impensadas  
Hoje materializadas

Hoje possíveis, pois escritas,  
E com elas o tudo ou nada  
O tudo e o nada  
O nada de regressar  
E o tudo de esperar  
Esperar que o tempo por mim fale  
E dite a palavra final  
O juízo.  
O juízo final...  
Que desse, ninguém jamais escapará!  
Nem mesmo eu  
E a minha doença eterna.

Porque, não!

Ainda não estou morto!

Quando chegar a hora  
não me acordes  
deixa-me assim,  
olhos fechados,  
a fingir que durmo  
e não pares de cantar  
aquela melodia  
com a letra em alemão,  
aquela mentira, a voz  
que morre contente  
contigo ao pé.

depois do raiar do crepúsculo é que  
os sons e as vibrações da subterra  
e outros tantos infracheiros conviventes nos estratos de ar  
repousados em bebinka  
formavam a carta geográfica

o mundo girando as peças  
em vários momentos várias  
e aquela é a hora  
do mapa útil

tu tens narinas e martelos e caracóis  
papilas bussolares  
e um eterno retorno cromossómico

Tudo poderia ter sido diferente  
Tudo mudou de repente  
Fizeram-me acreditar  
Numa história sem fim  
Eu só quero trabalhar  
P'ra família sustentar  
Mesmo sem nada p'ra mim  
Ando atrás do que é meu  
Procuro desesperadamente  
Algo que me complemente  
Para o dia ser diferente  
Isso para mim é premente  
Para a vida melhorar  
Os filhos acarinhar  
Desta cadeira me levantar  
E no copo não pegar  
E a história sem fim  
Em que eu quis acreditar  
E julgava não sonhar  
Não era afinal um sonho  
Era mesmo um pesadelo  
Pois que a fábrica fechou  
E dela nada sobrou  
Deixando apenas pedaços  
Dos que foram os seus braços  
Para outros enriquecer  
Chegando o entardecer  
Fica apenas a vontade  
De que seria verdade  
A chegada da liberdade  
E também da igualdade  
Pois assim eu iria acreditar  
Na história de encantar  
Que um dia ouvi contar  
A liberdade chegou  
A liberdade ficou  
A liberdade cresceu  
Mas um dia alguém chegou  
E a liberdade roubou...

### **Variações**

I.  
Sinto uma mão nas costas  
Eu também

II.  
acampamos desse lado  
ou deste?

III.  
conhecemo-nos neste mesmo tronco  
foi há tantos sentimentos

IV.  
estar é  
não estar

V.  
as sapatilhas que comprei  
quando ainda me beijavas  
foram ontem para o lixo

VI.  
Vês?  
Aquele é o nosso caminho

VII.  
vivemos sozinhos os dois  
morreremos os dois sozinhos

Não ouço os sons da cidade  
Escondo-me nas notas coladas aos ouvidos  
Na procura da negação de gente  
Porque razão a cidade insiste em se mostrar  
Quando a lógica me anula o ser  
Esquecido no tempo que passa  
No espaço que inacula a vida

Rápido...  
Não consigo correr ao teu lado  
Passas-me o norte no sul onde habito  
No frio quente que me inunda as entranhas  
Neutro de paixão porque me canso quando te sinto.

Grito...  
No silêncio ensurdecedor da tua voz  
O fado anuncia a vida  
Aquele que é cor de azul no amarelo gigante do caminho  
Em curva feito, porque em curva nasce  
Vive no socorro da terra húmida e salgada que crio com o olhar  
Traço branco no negro do céu  
Que desenha a cidade no todo  
Todo eu que choro a triste alegria de te ver.

Mulher, raio de lua que abraça o sol  
Em ti procuro o ninho do aconchego  
E canto a magia da terra quente na humidade fértil de um cravo  
O vermelho sangue da tua face almeja o branco da minha mão  
E imagino o teu corpo nos braços longos que abraço  
E na curva do teu lábio  
Beijo o tempo que não vivi.

\*

No acaso do Sol pôr  
Desenha-se a cidade de sombras  
Na quadrícula gasta de andares apressados e sérios  
No conforto da preguiça mental  
Gasto o tempo no calor sombrio de um beijo simples  
Desenhado nos destroços da água  
O rio, afinal, não tem lógica de espaço  
Percorre-se aflito sob as águas frias na temperatura quente de um olhar

Um raio de astro rompe na pedra cinzenta da esquina  
Traz nos braços o cálice grosso da água ardente das entranhas  
Rompa-se o cimento em muro  
Derrubem-se os grilhões cerrados na face  
E cante-se o entusiasmo do ser na viagem cega de um voo

A realidade é só uma parte da verdade  
É a construção racional do que sinto  
Que não desenha o todo onde estou  
Porque o espaço  
É sempre o tempo onde me encontro com os outros.

Recuso letras gregas  
nas ondas do cérebro  
prefiro o teu nome  
em cada uma das pregas

Perante tal fenómeno  
Nunca visto nem previsto  
Fico sem palavras, mudo  
Pego num copo e cá vai disto

Mas um copo não ajuda  
A esquecer o que vi  
Vai outro copo, então  
E, no entanto, nada muda.

Penso bem - serei capaz?  
Antes de outro copo pedir  
Será que vi o que vi  
ou entrevi o que há de vir?

Vou continuar a pensar?  
Ou outro copo vou pedir?  
Estou com este dilema  
Não sei como dele sair

Já sei: vou imaginar  
Que imaginei o que vi  
E, como ninguém vai perguntar,  
Esqueço tudo e... não vi

### **A mão dentro da árvore**

A mão dentro da árvore, um apelo  
trava por medo a palavra injusta

As letras desenhavam-se:  
desenhavam-se no futuro das coisas

Os amigos partem a amizade em dois  
porque ela já não resulta do dia grande e incompleto

Por causa de uma obsessão  
de um trauma repetido  
para ser vítima de si  
de si e só de si

Já chega já chega de sozinhos com a razão toda  
já chega de contentes com a mão infeliz  
já chega de fechados no casulo das verdades

em tons de bandeiras coxas  
a cavalo nos princípios  
casando as feridas e as moscas  
filosofando na falta de vida

em vez do pulo violento e terno  
se preciso for se preciso for  
a possibilidade de tomar até o poder detestado

em vez do desenho pequeno  
o desenho possível das tuas mãos sem prisões  
para se deixarem de tretas e muletas e certezas de caixões

moribundos ficamos zangados dentro do dentro  
porque sós sem ambição nem urgência  
colados aos bocados de vida  
sugestões de indiferença e bicho  
e caruncho cacho de choco coxo  
sem tinta  
sem pinta  
sem a linda força das naves que vão  
para derrubar os reis do saudosismo e das canções de enganados  
espremendo boato e diz que disse  
azedo com medo e podre

em vez do punho espetado na cara da injustiça  
um soco que derrubasse a morte  
a implosão dos gabinetes e dos perfumadores de retretes

quem me dera ser o poema  
mas eu nunca saberei ser o poeta de Baghdati directo ao assunto  
nem o zé de 1900  
sou apenas um fio desafiado

L. 8

perto é o mais longe perto

é o mais longe o mais perto

longe é o mais perto longe

o menino fazia colagens  
o avô desmontava o motor  
do carro, peça por peça;  
lanchavam às cinco e meia  
limonada e bolo de areia

## O revolucionário de café

O revolucionário de café fala muito, critica muito, não sai do café. O revolucionário de café bebe muito, fuma muito, ouve muito e fica horas esquecidas sentado. Sempre na mesma mesa e cadeira, na mesma posição. O revolucionário de café pede sempre a mesma coisa, dizendo: "o costume". Piscando sempre o mesmo olho. O revolucionário de café está, permanece, discute, ouve, reflecte, responde. O revolucionário de café vê passar por ele várias gerações de candidatos a revolucionários de café, mas cedo desistem. Não aguentam a pedalada. Esvaziar copos e lutar contra o fígado não é fácil ou o que é que pensam? De há uns anos para cá têm fechado cafés e morrido pessoas importantes destas que ficam, que permanecem, que garantem que o café receberá novos candidatos a revolucionário de café. Houve tempos em que ele participou, em que pintou faixas, em que ensaiou melodias para um coro revolucionário e deixou para grupo de teatro amador do qual fez parte. As letras, as palavras, de ordem e desordem. A derrota foi pesadíssima, foi cultural, política e social. As pessoas deixaram de ir ao teatro, ao cinema, às manifestações, deixaram de ir ao café, deixaram de beber, de fumar, de gritar, de amar. Às vezes estou aqui no meu oitavo cigarro e ouço um ou outro puto engraçado que fala de comunismo e anarquismo, de referências literárias e políticas e cruza-as anacronicamente, para justificar as ideias que lhe afluem à cabeça. Todos os anos chegavam novas fornadas ao café de miúdos assim com garra para a vida, para o futuro. Com eles no meio daquele espesso fumo viam-se os olhos brilhando, e no quinto copo tudo seria mais-que-possível. Uns desapareciam e iam chegando outros. Até que foram chegando cada vez menos vezes novas caras e as caras novas depressa desapareciam. Já ninguém substituiu aqueles olhos brilhantes nem a voz que se adulterava com qualquer injustiça. Epá, isto só vai lá à porrada. O pessoal está-se a cagar, mas se for a sério o pessoal sai de casa. Se mostrarmos que vale mesmo a pena e que se lá formos poderemos ganhar, isto vira. E que a nossa vontade inquebrantável de tudo mudar vergará a realidade dura com que nos deparamos diariamente. Já não tenho família, não tenho mulher, não tenho filhos, perdi o trabalho no jornal. A minha família eram as pessoas que vinham ao café, era uma família ambulante, nómada, dileitante, que hoje está em vias de extinção. Por isso decidi que não irei embora sem levar alguém comigo. Estou diferente porque recebi notícias do fígado e ele disse que se está a passar para o outro lado. Não tenho nada a perder, nem nunca tive. A única coisa que perdi para sempre foi a esperança daqueles loucos anos. Aqueles. Lembras-te? Tens o telefone do Manel das FP? No dia seguinte abre-se uma cratera enorme que abre todos os noticiários e que entra em todas as páginas dos jornais diários inclusivamente de futebol devido à gravidade do tremendo acto. Ninguém suspeitaria. Aquele senhor

de velhos hábitos que se sentava sempre na mesma cadeira, na mesma mesa, que pedia sempre a mesma coisa. Falava por vezes sozinho cofiando o bigode ou a barba. Às vezes escrevia umas notas para não se esquecer do que tinha pensado no dia anterior e poder continuar a pensar naquele assunto no dia seguinte. Por vezes sentava-se um ou outro companheiro de viagem que se perdeu algures pelo caminho. Os revolucionários de café são muitas vezes os guardiões da esperança, aqueles que passam histórias de umas gerações para outras, aqueles que não levantam o cu para nada, mas que no tempo deles é que era. Ficaram as frases feitas, velhos sectarismos, impaciência de quem já ouviu a mesma conversa vezes sem conta. Já conheci muitos da tua laia e depois apontava para o plasma que todos os cafés agora têm desde que foi o euro e apontava para um político corrupto qualquer e dizia: "ainda me lembro daquele estar aqui sentado a pregar a revolução". Posso-me ter perdido em algum lado em algum momento, mas a minha solidão é uma solidão partilhada com muita gente. Enquanto estava aqui sentado fui ouvindo histórias e demasiada desesperança partilhada. Naquele dia uma nota de rodapé num jornal diria homem morreu em acidente, se não tivesse havido uma explosão que tivesse morto um político corrupto dos grandes. Os jornais tentam perceber o que levou um homem aparentemente normal a tomar aquela atitude. Seria um perigo que todas as pessoas normais se pudessem lembrar de fazer o que ele fez. Não encontraram nada de mal, apenas que tinha sido despedido do jornal. Do corrupto ninguém disse bem a não ser as tretas que os cúmplices dizem nestas alturas. Era um homem sério, trabalhador e um grande pai de família. O revolucionário de café tinha sentido de humor, não tinha filhos e tinham-lhe tirado o trabalho. Há 40 anos roubaram-lhe a esperança e a infelicidade dos outros, crescente, começou a invadi-lo aos poucos, começou a sentir toda a dor, angústia, fome, sede, desespero, que toda a gente que passava por ele sentia. Tentava escrever o que estava a sentir no seu caderno para continuar a pensar sobre isso no dia seguinte, mas já não conseguia, tal era a avalanche de pensamentos, sentimentos acumulados. A partir de hoje qualquer pessoa pode resolver assim a sua angústia contra as injustiças provocadas por homens corruptos, abriu-se assim um precedente, por isso o governo decidiu perseguir e prender todos os revolucionários de café. Estar mais de 15 minutos sentado dava direito a multa e uma hora a prisão. Finalmente decidiu-se decretar o recolher obrigatório permanente à meia-noite. Quem se visse na rua depois dessa hora seria abatido. No entanto nada voltaria a ser como dantes, porque a faúlha tinha-se acendido e ninguém sabia como tudo iria terminar, pois as pessoas começaram a fazer manifestações diárias depois da meia-noite com cada vez mais pessoas de archote na mão dirigindo-se à casa dos políticos corruptos, desobedecendo à lei que pretendia acabar com os revolucionários de café, resgatando a esperança de outrora e pensando na construção de um futuro mais-que-possível.

O tempo é apenas  
O tempo vivido  
O tempo passado  
Não fica parado  
Foi sonhado  
Por vezes apagado  
De tanto sofrido.

Só tempo passado existe  
Amanhã não tem tempo  
Só o passado existe  
Se o amanhã tiver tempo  
Será de novo passado como se o forte vento  
O puder já ter levado.

O tempo...  
Nada lhe resiste  
O esquecimento tudo cobre como grão a grão se forma a duna  
Dia a dia o tempo passou  
Quase nada ficou  
Porque...  
Não há nada que resista ao tempo...

Não sei porque tens esse sorriso de moço.  
A tua vida é como este desenho  
Não passa de um esboço.

## **Porque todos nós um dia já nos sentimos como o Francisco**

O dia em que me voou  
a cabeça  
Sentei-me perto das pavoas  
super protegidas ambientalmente.  
Nobremente resistiam  
sem  
pedinchar.  
Mas a cabeça continua,  
continua pelo ar.  
                  uhuhuhuhuhuh  
Felizmente, assim afastava-se  
da grossa fatia de fome  
que  
jazia no pão.  
Cortara-a assim para melhor me alimentar,  
mas esquecera-me o  
quão repugnante  
pode ser a pequenez.  
Apesar de não pedirem,  
atirei às pavoas.

Foi aquele o dia em  
que os pássaros  
viraram carnívoros  
e eu  
perdi  
a  
          cabeça.

uhuhuhuhuhuh

Lápis deitado  
lápis de pé  
inclina o lápis  
desenha o boi  
persegue as sombras  
não as percebeas  
abana os olhos  
e as orelhas  
desequilibra  
entra na dança  
e na balança  
reequilibra  
por sobre as telhas  
os teus refolhos  
não as recebas  
desenha as sombras  
persegue o boi  
ápis de pé  
inclina o lápis  
entra de lado

Lá está ela!  
Traz-me preso pelo beicinho

Quando era miúdo não tinha brincadeiras de rapazes  
Chamavam-me: Ó Toninho, anda brincar um bocadinho! E eu não lhes dava trela

Pensava seriamente em ser doutor  
Atirava-me a coisas mais audazes  
Punha um ar sério, lia livros, enciclopédias, jornais  
Tive uma rapariga, não entendi o amor, essas lérias... Não quis mais.

Não é que não fossem homem, não!

Já homem, não prossegui os estudos, tinha de trabalhar  
Tive um pai que gostava do copito, estragou a nossa vida  
E eu queria era mudar de condição. Safei-me da classe operária, cheguei a chefe de secção.  
Não é que não fosse homem, não

Mas a vida é solitária. Jantava só numa tasca, num cantinho...  
Mesa a mesa, ela foi-se aproximando... com o seu copito de vinho  
Um dia acordei com ela. Nem sei como... na rua barão de quintela

Mais um dia, e outro e outro, trabalhava mais contente.

Chega a hora, desço à tasca, lá lhe vou dando troco, vou andando copo a copo  
E lá vou eu pela trela... até à barão de quintela

Cá estou eu outra vez e se calhar é para sempre: eu trabalho a pensar nela!  
Tenho alguma coisa de que me queixar? Então...

Oh! lá vem ela!  
Sorri porque já me viu. É gira a rapariguita.  
Passa sempre pelo balcão a buscar um copo. Vazio...  
Que eu já cá tenho a garrafita.  
Não é que não seja homem, não!

É gira a rapariguita. Traz-me preso duplamente.

Pelo beicinho.  
Ora um beijo na boquita, ora no copo de vinho.

DESAFIO!!!

Um lápis é sempre um lápis.  
Mas eu quero escrever

Escrever para construir  
Para gritar  
Para conquistar

Escrever a guerra  
Escrever a morte  
Descrever a vida

O que não escrevo não deixo  
O que não registro levo  
A sete palmas  
Em cinzas

Para que fique eu  
Só mais um pouquinho  
Escrevo

Onde havia bês punha lados ás  
para tudo recomençar de maneira diferente.  
Tirei as noites e os feriados  
para te inventar novos selos nas caixas  
da minha espera,  
podes passar ao de leve  
e eu quero lançar-me a essa altura.

## O caso do dia

em redor da casa-mãe  
o mundo está dividido  
em muitos infernos frios

se entrarmos pelas traseiras  
com os dois bolsos já cheios  
de buracos e de pedras

se virarmos este inferno  
contra o inferno vizinho  
que ocupa a sala de estar

se o diabo da palavra  
se soltar  
entre sofá e tapete

talvez se cumpram as dores  
de vir ao mundo um terceiro  
no quarto que era segundo

pois o reverso insolente  
da vontade de aqui estar  
cola o pé ao seu caminho  
entre os céus mais carregados  
e os infernos mais vazios  
– ambos fora do lugar

e quem faz questão de entrar  
pela porta principal  
dá consigo na prisão  
forrada a voz de jornal  
regada a chuva de anzol  
e a silêncio de peixe

oh carne fazendo as vezes  
de ser nem nunca portanto:  
morto no vivo remexe  
vivo em morte se debate  
e nas tripas do quadrado  
não se cala o quinto canto

Há uma teia de aranha espalhada na noite,  
um fio de cuspo aceso entorna-se nas casas,  
brilha sobre a cidade. Uma mulher com asas  
segura numa ponta, há-de ser meia noite.

Na outra ponta vai um homem pela noite  
fora, branco de cal, caminha junto às casas  
ou voa rente ao chão como se tivesse asas;  
não parece encontrar lugar onde pernoite.

Dir-se-ia um papagaio invertido, um brinquedo  
empinado do céu na ponta dum cordel  
a balançar no vento e a morrer de medo

por ser a única luz num mundo de papel.  
Antes do sol nascer o fantasma tem frio;  
lá no alto, a mulher há-de cortar o fio.

Pingam os minutos  
um a um.  
Só quero dormir.  
Plinc  
lá vai mais um.  
Tenho os braços e as pernas dormentes  
parece que esperam  
por algo.  
Plinc  
outro.  
Não é tédio  
É ausência  
Não é vazio  
É vontade.  
Estou encerrada sem hora de abrir.  
Plinc.  
Os minutos não passam a horas  
E as horas não passam a dias  
Talvez se dormisse  
e não acordasse  
talvez seja eu  
e não os minutos.  
Plinc  
Talvez se esvaziar o que em mim está cheio  
Talvez se encher o que em mim está vazio.  
Plinc  
Que seca  
Diria o Eça  
Vou ler  
Já tenho a boca seca de tanto escrever.

## **o frio verão**

parte 1 (2011)

anseio por ti  
de braços e coração abertos  
volta numa manhã de brumas  
mas de verão  
estranho este, novo  
e deste lado do rio  
onde as carícias  
são menos frias  
e o sopro de um estranho amor  
derrete as crueldades  
das mentiras

parte 2 (2012)

os dias são violentos  
e as noites efémeras  
o sol não aquece nada  
e o vento tudo queima

os abismos de ti em mim

crepúsculos cinzentos

ai de quem vier por bem  
porque o mal renasceu  
e não há virtude que fira  
esta mentira calejada

mais vale voltar  
quebrar o silêncio  
outra vez, de vez  
solta as tuas feras

cabedal e pele de ódio  
destreza do afastamento  
menosprezo do coração  
que ainda bate, mas tão mal

ai, por ti ainda, sim  
e já se respira enxofre  
qual inferno aqui em casa  
emparedado em costuras  
de carne que mexe sem nervo

ai, por ti nunca mais  
a dor do frio do verão  
que gela a pele suada  
e arranca os cabelos

### Sete cadáveres soltos

O inebriar da vertigem, do balanço do baloiço  
fez com que ele escorregasse  
pelas zebras que delimitam um caminho  
que pode dar ali ou acolá.

São horas de  
um coelho espreitar  
pela frincha da porta  
e o cigarro da espera fumar.

Hora do lego.  
Eu começo com duas peças vermelhas.  
Tu com pés de lã  
prontos para deitar a cruz abaixo.

Reparem bem naquele bebé tão frio.  
Nasceu marcado a ferro do Rei do Gado.  
E, vejam!, aquela mãe deplorável  
anatomofisiopatologicamente.

E uma mão que germina  
semeada a quatro outras mãos.  
E vem a Julieta do Dartacão  
que (não) é a predilecta do seu coração.

O Ary dos Santos bebia um copo sozinho.  
E a gordura dos dias iguais, vazios.  
Mas, vá lá, a luta continua  
e o que faz falta? Um faduncho p'á malta!

Trouxe o cágado a passear  
e sentou-se no meu colo.  
Cabecita para fora, cabecita para dentro  
até ficar perdido.

se ele volta a aparecer  
morde com força  
arranca-lhe os testículos  
esteriliza, cão!

É o meu ideal, aquele casaco com gotas de chuva, suspensas e perfeitas,  
eu leio  
sobre os homens  
(só o primeiro parágrafo  
uma e outra vez)  
e o seu copo de vinho;

levanta o olhar  
- que é como uma laje de cimento  
derrubada faz cinquenta anos  
cheia de insectos  
cheia de musgo  
de raízes agarradas a terra dignamente  
eu me pergunto; se saberei falar como uma adulta  
quando chegue o momento,  
não é de nenhum jeito  
a pergunta correcta mas,  
deve estar chegando já esse momento. ah.  
ah.

é um desenho dele  
no espelho.

Casas  
Carros (e corpos dentro de carros)  
Ruas  
Estradas  
Pessoas (e objectos)  
Nuvens (por cima)  
Um sol (no lado esquerdo)  
Animais (formigas, um cão)  
Plantas (árvores decorativas)  
Raro campo (montes, vales, árvores – pássaros?)  
Paisagem única sem pessoas e objectos e casas e carros e ruas e estradas.

Há formas que despertam seivas  
por exemplo a forma da torre Eiffel  
acorda girassóis sonolentos  
e cola-os vivos para memória  
da torre de babel

Olhos serenos, meiguice  
Instantaneamente me dou  
Passamos juntos  
Pela ponte cinzenta  
Do outro lado  
Pela ponte preta  
Lá à frente  
A água é vermelha será do sangue que nos  
Vai junto dos dois?  
Sim, somos dois  
Mas, quase um.  
O aDeus? Não, até já.  
O abraço eterno, sem papéis  
O sim porque sim  
O estar teu que é este amor  
Digo que sim quando sabes não  
Digo que não quando sabes sim  
Nunca fomos teus, estamos teus  
Nossos, do dia que corre pelos  
Rios vermelhos das tuas mãos

a linha é fechada  
ou então é infinita  
a caneta passa e repassa  
fazendo as mesmas curvas  
e a tesoura cumpre a linha da caneta

é tão bom que os círculos perfeitos  
só existam na matemática abstracta  
tão mais ricos são os círculos  
que o são só em ideia  
e quando se passam para o papel  
são batatas

e se as batatas são relógios  
nenhum minuto é igual ao outro  
e todos sabemos  
como há minutos que demoram mais que outros  
e batatas novas e velhas e doces

o coração dela só batia por ele  
ele simplesmente batia-lhe e só  
quando o coração lhe parou de bater  
é que lhe parou de bater

O Abílio está à espera da reforma.  
O Abílio está sentado à espera da reforma.  
O Abílio está com frio no pescoço enquanto espera.  
O Abílio está a beber um copo de vinho  
sentado  
enquanto espera pela reforma.  
Já só faltam dez anos para o Abílio se reformar.

Hoje acordei  
Numa casa diferente  
Vazia de gente  
Nem sequer falei  
Mas logo cantei  
Uma canção de vida  
A vida vivida  
Às vezes sofrida  
Outras divertida  
Por vezes vazia  
E aquela canção  
Me deu alegria  
E a sensação  
Que a casa vazia  
Apesar de fria  
Transbordava de gente  
Parecia até quente  
E no quarto diferente  
Da casa diferente  
Sem maquilhagem  
Sem projectos de viagem  
O estômago vazio  
Nada no coração  
Não me apetecer correr  
Sem colo  
Sem ombro  
Para me encostar  
Sem ter ninguém  
Para poder culpar

Eu hoje acordei  
Na casa diferente  
Vazia de gente  
Mas logo cantei  
Porque eu hoje... acordei feliz!...

está gordo  
deformado  
já ninguém o abraça todo  
foi do tasco  
do churrasco  
foi da idade  
da preguiça como única vontade  
e estou gordo  
deformado  
já ninguém me abraça todo  
pensava ele sentado  
deprimido  
nem sequer via o umbigo  
para falar  
estava gordo  
deformado  
sem umbigo  
sem vontade  
e sentado decidiu  
depois do muito que dormiu  
acabar com a sua vida  
se um rio não tem saída  
e se vive sempre imóvel  
não é rio antes lago  
e por todos os diabos  
mais vale secar-lhe a fonte  
meter-se no automóvel  
e atirar-se duma ponte

estava gordo  
decidido  
e à medida que se erguia  
foi falando ao umbigo  
que não via  
vai ser só um cigarro e um café  
e meter-me no pópó  
(não dá para ir pelo monte  
mas é melhor do que ir a pé)  
e atirar-me da ponte  
meteu-se-lhe ela à frente  
que assim não, não pode ser  
mas ele não teve dó  
provocou o acidente  
bem melhor que não morrer  
ela que vinha só  
foi-se mal acompanhada  
depois daquela pancada  
que partiu mas sem doer

estou mais gordo  
arroxeado  
com a água que absorvo  
na boca ainda o cigarro  
mas um morto  
está sempre menos mal  
ninguém procurou o gordo  
já o carro  
teve um lindo funeral

Inclina a cabeça um pouco para o lado  
espera calmamente espreita o quadro  
paisagem com o fundo escuro  
a casa a árvore o carro o muro  
agora escreve cabeça direita  
a luz alucinada que o fundo rejeita

### **coisas lá dentro**

os dois ligados  
e se cortar um cabo?

cabos eléctricos  
veias com sangue  
cabos em vez de veias  
cabos com sangue a preto e branco

dois.  
sempre só dois.

os cabos vêm-se bem  
se os cortar continuam ligados?

e se continuarem ligados  
até que distância continuarão a sentir-se?

sente-se sempre?

*A minha tia é médica, pá  
A minha tia            A mãe  
É sargento da GNR  
O Estado anda a roubar as nossas reformas  
O subsídio            A miséria*

as vozes que se ouvem lá atrás têm caras cá à frente?

*Viva o Toni da Tondela  
Grande amigo meu, pá*

as vozes que se ouvem já tiveram outros timbres?

*Duas miniaturas para a Dona João, só*

as vozes com cordas destimbradas são cabos descarnados?

já não é uma imagem  
é uma ideia

## **Tempo**

Eram talvez 6 horas, ou meio-dia e meia? Talvez meia-noite e meia.  
O que é que isso importa, perguntaria a luxúria.  
Cedo ou tarde, tarde ou cedo, mais cedo ou mais tarde, importa,  
responderia a razão.

Tempo que passa, sem se ver. Tempo de espera, que não passa.  
O próximo veículo terá como destino a estação...  
... e chegará dentro de breves momentos ao cais 2.  
Terá? Breves momentos? Uma flor amarela sorri-me entre os  
paralelos do chão.  
Para sua segurança não force as portas do veículo. Sentido, direction,  
Campanhã.  
Admirável mundo novo!

Outono. Ia longe o formigueiro cinzento de freiras, corredor fora,  
sentido, direction, traseiras do frigorífico...  
Desta vez fora a cores. Lembrei-me, de súbito. Do vermelho.  
Do sangue a escorrer da boca, que trincava vidros. Da aflição sem  
dor.  
Pesadelos doutro tempo, não importa o tempo que fazia.  
Outras vezes, meras sensações, obstáculos invisíveis, pernas  
desobedientes,  
vestidos com desejos obscuros. Sem luxúria.

Chove. Nasce um outro dia. Sem sentido nem direction.  
São 6 horas.

## Conversa de sala

(Maria, Maria... quando o sol nasce até ele mente)

Seis cabeças elencam  
sobre uma toalha de papel:  
norma & coima  
um jogo rendilhado  
o peixe que trata e o fumo que mata;  
se é *gay* ou *gadget* ou sobremesa de Natal.

Seis cabeças comprazidas com  
o saldo de Verão  
(enquanto a *bimby* nos matura a dívida);  
que o éter, enfim, as proteja  
dos vírus dos autocarros  
e dos chatos que abanam o pau.

Seis cabeças que guardam  
lá dentro (enrodilhadas)  
duas mãos;  
em cada uma  
dois sonhos  
e um relógio em plasticina...

Não há dor quando injectas esse veneno  
Nem deleite por dizer que te amo  
És a maré a vazar da tua própria ilha  
Arrastado por uma corrente solipsista e autofágica  
Agora que as ondas estão altas e a costa já vai longe  
Submerso nas sombras alvejas o exício enquanto tua alma pede para ser salva  
Quando penetrar é tudo e observar é nada  
Finges ser livre e aceleras para o precipício

Se nada dura para sempre  
Porque é que tudo continua igual?  
Essa existência é uma prepotência

---

A minha vida findou quando soube que um dia haverás de morrer  
E a partir desta verdade mais nada interessa  
Rejeito todos os esforços analíticos  
Declino qualquer salto de fé  
Não volto a interrogar as dúvidas nem a desafiar as realidades  
Não penso pois vida após a morte é o pensamento mais horrível que existe

Acordei quando não queria. Morri.

Deixa que o tempo cure

A mãe abraça o seu filho que estava chorando, mas sua mãe chorava por dentro,  
sofrendo pelos dois

1 desenho, 2 desenhos, 3 desenhos, são tão bons os desenhos! Ó lá ré!

Maria, penteia os peixes, bebe um porto, parte o despertador, e olha a estrada.

Uma – Tip... Tip... Tip, tip, tip...

Duas (2)... Tip, Tip, Tip, Tip

Tip tip tip

Eram 6 horas, talvez meio-dia e meia

Das estrelas-pupilas

O desenho é poesia que dança no traço que embala os passos de quem imagina

Lá fora está tudo igual, dentro de mim não sei

O tracejado é descontínuo como as manchas do fluido que teimo em entornar..., faz  
desenhos e poemas.

Aquele amigo sempre fiel que sempre aguarda um carinho

Com os pés a sair pela cabeça

Em criança  
Imaginava  
O mundo em  
Papel de lustro...  
Entre Lisboa e Porto  
Como se espera por qualquer coisa  
Mais uma semana  
E vou partir  
Para onde não sei  
Mas o que é que interessa  
Não há morte nem princípio – disse um senhor em castelhano  
A mesa estava cheia  
Pão, vinho e todos vocês, a mesa ainda é o local de partilha  
Das estrelas-pupilas  
Pode ser em prosa?  
... A mesa posta ajuda-me a lidar com a sua ausência. Vou continuar  
a pô-la. Todos os dias, acho!!

Dor de mãos na via rápida  
O silêncio é falta de carinho  
Como formigas que vão e vêm  
Nas ruelas de traço interrompido  
A fingir como o poeta que desenho como a criança  
Porque o tempo está todo estragado  
dentro do carro, cabeça nas nuvens  
ALELUIA ao criador comunitário de emergência  
Sonhar faz-nos voar!!! :)  
As caras não cabem nas casas com falta de carinho  
qualquer criança sabe que entre o preto e o branco existem todas as cores

AIAIOHNÃOEUNÃOSEIESCREVERPOE  
MASOQUÊ?POEMAS?MASTÊMDERIM  
AR?TCHIIPOEMAS?NESTEEUNÃOOPAR  
TICIPOEUSEILÁESCREVERPOESIASER  
ÁQUEALGUÉMVAIMANDARALGUMP  
OEMA?UMPOEMA?MUDEMDedesafi  
OVÁLÁEUÉMELHORSÓPARTICIPARPA  
RAOPRÓXIMOEUUSEILÁESCREVEREM  
VERSOISSOÉPRACROMOSLITERATOSI  
NTELECTUAISISOÉPRAGATOSMALT  
ESESPOESIAÉMUITODIFÍCILEUNÃOOP  
RECEBONADADEPOESIAAINDADÁPR  
AMANDAR?ONTEMESCREVIISTO

o desafio era fazer poemas curtos ou compridos, a rimar ou não, a partir das imagens do *lápiz desafiado* nº 2

participaram:

Anónimo (p. 2), AnónimoComDireitos (p. 1), Antonino Solmer (p. 28), Bea (p. 38), C. O. (p. 39), Carlota Joaquina (p. 4, 41), Daniela (p. 49), Diana (p. 11, 42), Endemião (p. 14), J. B. ou Júlio Brás (p. 22), João Paulo Esteves da Silva (p. 10, 16, 21, 27, 32, 37, 40, 43, 48), Jorge Delmar (p. 25, 44), Jorge Pinto (p. 6), Kivi Maduro (p. 26), Lara Afonso e Youri Paiva (p. 36), MAL (p. 12, 24, 45), Marco (p. 52), Maria Silva (p. 50), Marta (p. 51), Milagre (p. 5), Nuno Moura (p. 30), Olga Santos (p. 33), Pedrinho (p. 29), Pedro Barroso (p. 34), Pedro R. (p. 18), Regina Guimarães (p. 31), Sónia Gabriel (p. 20), Tom Gato (p. 17), Toni (p. 13, 46) e aqueles que estiveram nas sessões de apresentação do *lápiz desafiado* nº 2, na Casa Viva (p. 53) e na Casa da Achada (p. 54)

para saberes mais e ouvires dos desafios: <http://lapisdesafiado.noblogs.org>

fevereiro de 2014